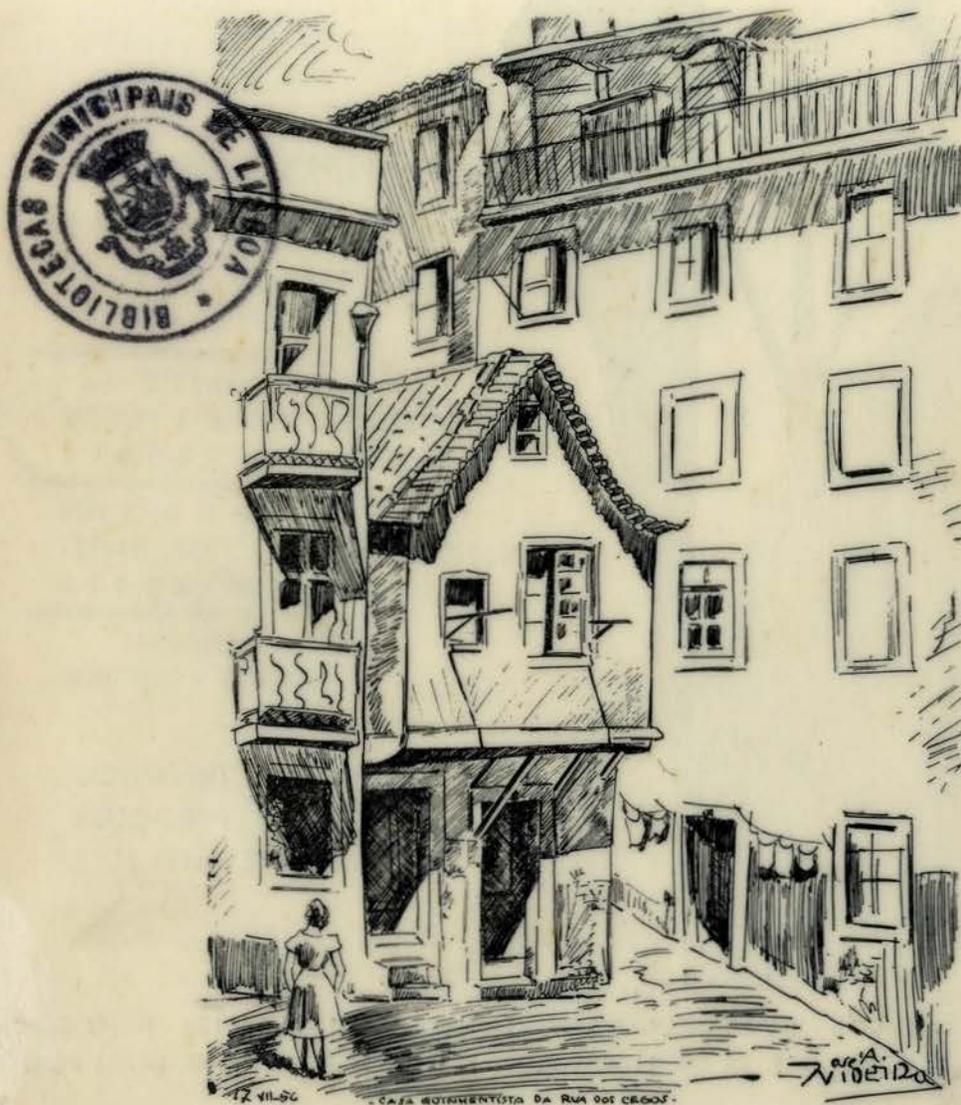


OLISIPO

Boletim Trimestral

Grupo Amigos de Lisboa



ANO XXV—N.º 98

ABRIL 1962



S.G.

SOCIEDADE GERAL

**DE
COMÉRCIO,
INDÚSTRIA
E
TRANSPORTES**



CARREIRAS REGULARES

**DIAS 10, 15 e 25 DE CADA MÊS
METRÓPOLE • CABO VERDE
E GUINÉ**

MENSAIS

**METRÓPOLE • S. TOMÉ E PRÍNCIPE
E A N G O L A**

DE 21 EM 21 DIAS

**NORTE DA EUROPA • LISBOA, MATADI
E A N G O L A**

SEMANAIS

ANVERS • PORTUGAL

**TRAMPING — TRANSITOS
SERVIÇO DE REBOQUES
FLUVIAIS E DE ALTO MAR**

**LISBOA • R. DOS DOURADORES, 11 • TELEF. 3263145 • 345136 • TELEG. GERAL
PORTO • R. SÁ DA BANDEIRA, 82 • TELEF. 27363 • TELEG. GERAL PORTO**

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET"-DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7
Telef. 321368 - 321227 - 30054 — LISBOA

A

LEGAL & GENERAL

agradece aos

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas:

450 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES

MARÍTIMOS

E AÉREOS

AGENCIA DE VIAGENS

CARVAO, SEGUROS

REPRESENTAÇÃO,

(Industriais, etc.)

EXPORTAÇÕES

IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

Pérola do Rossio

Limitada

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 · Lisboa · Telef. 32 07 44

POUSADAS DE PORTUGAL

PARA se reconhecer a verdadeira face de Portugal e as suas belezas reais, nada mais indicado do que um circuito pelas suas tão características Pousadas de Turismo.

Situadas nos pontos mais pitorescos do País, decoradas e mobiladas ao gosto local, com saborosa e variada comida regional — dentro da melhor tradição portuguesa — as POUSADAS oferecem generosamente ao viajante, por preço excepcionalmente módico, o conforto e a intimidade de uma casa particular, onde ele tem sempre a certeza de encontrar o tradicional acolhimento português, que é a expressão do próprio País.

Ao falar-se do turismo português não pode em verdade ignorar-se o que representa no seu desenvolvimento a criação desses típicos albergues de ambiente agradável e acolhedor.

Lugares de repouso, de tranquilidade, eles representam incontestavelmente uma das realizações mais interessantes da actividade do turismo nacional.

E o que é também notável e merece que se divulgue, é que o exemplo destes pequenos estabelecimentos, a sua lição de bom gosto, foi rapidamente compreendida e seguida pelos industriais de hotelaria. Resultou, assim, que muitos pequenos hotéis de província construídos ultimamente, foram já levantados ao jeito das POUSADAS, copiando o seu estilo — tudo o que nelas é característico: claridade, limpeza e conforto.

Alcançou-se desta forma e com pleno êxito o objectivo em vista pelo Estado: estimular o desenvolvimento da indústria hoteleira, elevar o nível do bom gosto, tornando assim mais agradável, mais acolhedora a tradicional hospitalidade da terra lusitana.

Pousada do Barão de Forrester

ALIJÓ

Situação: Na estrada do Pinhão a Murça. A 45 kms. de Vila Real; a 3 kms. de Sabrosa; a 16 kms. do Pinhão e a 26 kms. de Murça.

Pousada de Santo António

SERÉM — MOURISCA DO VOUGA

Situação: Lugar de Serém, freguesia de Macinhata do Vouga (Águeda) junto à Estrada Nacional n.º 1 (Lisboa-Porto), 0,500 kms. ao norte da ponte sobre o rio Vouga.

Pousada de São Lourenço

SERRA DA ESTRELA — MANTEIGAS

Situação: Na Serra da Estrela a 3 kms. das Penhas Douradas; a 24 kms. ao sul de Gouveia, a 14 kms. ao norte de Manteigas e a 1.500 m. de altitude.

Pousada do Castelo

ÓBIDOS

Situação: A 6 kms. de Caldas da Rainha e a 11 kms. do Bombarral.

Pousada de São João Baptista

BERLENGA

Situação: Na Ilha da Berlenga.

Pousada de S. Bartolomeu

BRAGANÇA

Situação: Em Bragança, na estrada de turismo que circunda o cabeço de S. Bartolomeu; a 30 kms. de Quintanilha (Fronteira Espanhola).

Pousada de São Martinho

ALFEIZERÃO

Situação: Ao Km. 229 na estrada de Lisboa ao Porto, em Alfeizerão — entre Caldas da Rainha e Alcobaça — junto à estrada, na rampa de Alfeizerão.

Pousada de Santa Luzia

ELVAS

Situação: Fora das muralhas de Elvas, a 200 metros da cidade, junto à Estrada Nacional de Lisboa a Badajoz.

Pousada de São Tiago

SANTIAGO DO CACÉM

Situação: Junto à Estrada Nacional, na descida para Santiago do Cacém.

Pousada de São Brás

S. BRÁS DE ALPORTEL

Situação: Na Serra do Caldeirão, junto à Estrada Nacional, a 12 kms. ao sul do cruzamento do Barranco do Velho e a 2,500 kms. ao norte de S. Brás de Alportel.

Pousada de São Gonçalo

SERRA DO MARÃO — AMARANTE

Situação: Entre Amarante e Vila Real, no lugar da Bela Vista, perto do Alto do Espinho, no limite do distrito do Porto, a 900 m de altitude (Encerrada para obras).

Pousada do Infante

SAGRES

Situação: Sagres, na Ponta da Atalaia; a 32 kms. de Lagos e a 50 kms. de Portimão.

Oferta
27. JUL. 1983

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXV

ABRIL DE 1962

NÚMERO 98

Director, o Presidente da Junta Directiva
FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16

SUMÁRIO

	Pág.
BOCAS DE FOGO EXISTENTES EM LISBOA, FUNDIDAS NA ÍNDIA PORTUGUESA pelo <i>General Pereira do Valle</i>	39
TEMAS OLISIPONENSES NA POESIA DE AFONSO LOPES VIEIRA ...	46
PALAVRAS PROFERIDAS NA SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO DO NOSSO XXV ANIVERSÁRIO, PELO DIRECTOR-SECRETÁRIO GERAL, EM 8 DE FEVEREIRO DE 1962	50
RELATÓRIO E CONTAS DA JUNTA DIRECTIVA, RELATIVO AO ANO DE 1961	52
ACTIVIDADE CULTURAL DO TRIMESTRE PASSADO	60
FEIRA DA LADRA	65
CAPA: A casa quinhentista da Rua dos Cegos - Desenho de <i>José A. Videira</i> .	
VINHETAS de <i>Figueiredo Sobral</i> .	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores



Bocas de fogo existentes em Lisboa, fundidas na ÍNDIA PORTUGUESA

pelo GENERAL PEREIRA DO VALLE

QUANDO, a seguir à viagem de Vasco da Gama, Portugal se estabeleceu na Índia, começou imediatamente a organizar a sua instalação como potência soberana.

A metrópole estava longe, as viagens demoradas e tantas vezes incertas. Era necessário e urgente dispor de meios para manter a Índia sob a soberania portuguesa e defender aqueles territórios de cobiças alheias.

Entre as primeiras providências tomadas neste sentido, encontra-se a instalação de uma fundição de canhões na cidade de Goa, pouco antes conquistada.

Lá trabalharam vários fundidores e dos seus nomes alguns chegaram até nós: o João Luís, o Reimão, o João Vicente e o Fernando Anes, no princípio da conquista, e posteriormente os Bocarros, descendentes de Francisco Dias, também fundidor, e Salvador da Costa, no século XVII, e já no século XVIII o mestre Bucozo.

São conhecidas algumas das bocas de fogo saídas dos fornos dos fundidores de Goa, e existentes em Lisboa.

Vamos citar aquelas de que temos conhecimento seguro de serem desta origem.

Lembraremos, porém, que também em Macau se trabalhou activamente na fundição de bocas de fogo e que em Angola, já mais tarde, no governo de D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, se chegou também a fundir artilharia de bronze, facto que tem passado ignorado,

se bem que se fale em fundição de bocas de fogo de ferro, de que, confessamos, ainda não vimos um único exemplar.

Mas voltemos às peças goesas.

Destas, de bronze, existentes em Lisboa a mais notável é, sem dúvida alguma, quer pelas dimensões, quer pelo trabalho artístico, o dragão ou



DRAGÃO

No Museu Militar (Foto 1)

dúpla colubrina, denominada Sta. Catarina, por ostentar a imagem da Santa na bolada. Foi fundida em Goa por João Vicente, em 1537. É um soberbo exemplar demonstrativo da perfeição a que tinha chegado a arte de fundição na Índia Portuguesa. Guarnecia o baluarte de Sto. Inácio, em Damão, e foi trazida da Índia em 1895, por Sua Alteza o Infante D. Afonso. Tem 16,5 cm de calibre, 5,30 m de comprimento, lançava balas de ferro de 33 arráteis de peso (15,180 kg) e pesa cerca de 4.000 quilogramas. Está no Museu Militar, com o n.º R 14 (foto 1).

Outra boca de fogo, de bronze, do mesmo fundidor e fundida no mesmo ano, pode ver-se no forte de S. Julião da Barra. É uma boca de fogo do género canhão, para o mesmo calibre mais curto que a colubrina, e, na época da sua fundição, denominada leão; lançava balas de ferro de 48 arráteis (22,080 kg).

É um magnífico exemplar da artilharia de bater do século XVI. Veio de Dio no tempo do Governador Benard Guedes. Tem de calibre 19 cm e 3,18 m de comprimento de alma.

Ostenta na bolada as armas nacionais e uma esfera armilar, e no reforço a roda dentada de Sta. Catarina, padroeira da cidade de Goa, onde a peça foi fundida. Perto do ouvido lê-se a seguinte inscrição (foto 2):

Foi fundido este tiro na era de 1537 por
mandado do Governador Nuno da Cunha

e ainda o nome do fundidor, como se segue:

ETAMÃOI

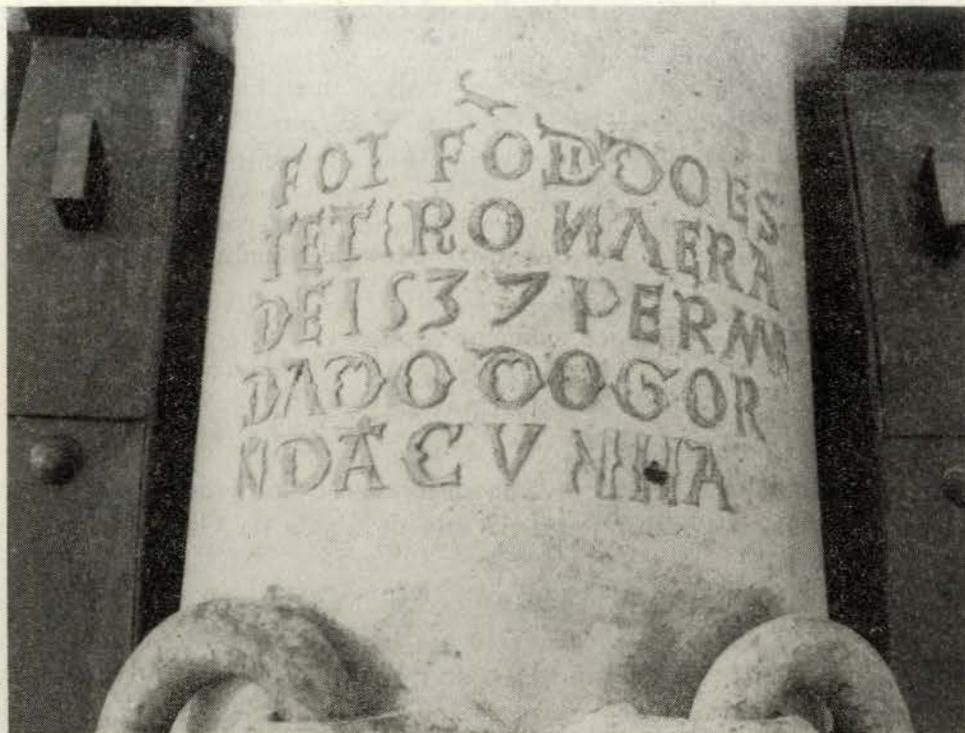
Mais duas bocas de fogo, uma de bronze e outra de ferro forjado, oriundas da Índia, se encontram na sala de Vasco da Gama, do Museu Militar.

É a primeira de 44 cm de calibre, de 3,12 m de comprimento e jogava bala de pedra de cerca de 216 arráteis de peso (96,600 kg). Tem o n.º R 26. É um pedreiro de grande calibre que na nomenclatura artilheira do século XVI era denominado espalhafato, nome genérico de tais pedreiros.

No entanto este havia sido baptizado com nome próprio. É, sem dúvida, aquele rejhão que, juntamente com outro espalhafato e uma serpe, Simão Botelho levou de Ormuz para Dio quando do segundo cerco daquela cidade e que aquele cita na carta para El-Rei, escrita de Baçaim a 23 de Dezembro de 1548 (*História Quinhentista do 2.º Cerco de Dio*, Imprensa da Universidade, 1927, pág. 264). Foi fundido por um Reimão que trabalhava na Índia no tempo do governador Nuno da Cunha, em 1533. Veio para Portugal quando do 4.º centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo. Era conhecido na Índia pelo Tigre, nome que lhe vinha de uma legenda que diz:

Eu sou o tigre esforçado

A outra boca de fogo muito notável de ferro forjado é a R 23 do Museu Militar e é obra de Fernando Anes. É formada por uma série de aduelas de ferro forjado, à maneira de um barril cilíndrico, reforçadas por anéis. Esta técnica de construção foi suplantada pela fundição do bronze a partir do começo do século XVI. É, pois, ainda uma representante



LEÃO

No Forte de S. Julião da Barra (Foto 2)

das bombardas do século anterior. Pelo seu calibre, 43 cm, e comprimento 3,12 m, é também um espalhafato que lançava bala de pedra de cerca de 200 arráteis.

Nesta boca de fogo pode ver-se uma inscrição que diz:

EVEFORFOR
TEAMOROSDA
REIMORTE

Bastante confusa, foi interpretada pelo ilustre escritor General Fernandes Costa, como dizendo:

Eu Heitor Forte a mouros darei morte

Este Heitor Forte seria, nem mais, nem menos do que o heróico Heitor da Silveira de quem Camões fala na estância dos *Lusíadas*, canto X, que começa:

E não menos de Dio a fera frola

Esteve na Índia desde o governo de D. Duarte de Menezes até ao de Nuno da Cunha, este intrépido batalhador para dar morte a mouros. E por sua ordem ou em sua homenagem, teria sido construído o velho espalhafato.

O dragão e o leão de João Vicente, os espalhafatos do Reimão e do Fernando Anes são notáveis exemplares da artilharia portuguesa da 1.^a metade do século XVI, fundidas na Índia e que dariam honra a qualquer museu.

A propósito diremos que os velhos artilheiros daquele século tinham por costume considerar as suas peças como seres vivos. Por isso lhe davam nomes de animais, reais ou imaginários.

Os de grande força e fereza correspondiam às peças de maior calibre e consideradas mais potentes; não faziam tanto medo os nomes dados às peças mais pequenas e para essas chegavam os cães, falcões e lagartixas.

Do século XVII conhecemos cinco bocas de fogo, todas de bronze, uma no Castelo de S. Jorge, duas no Museu Militar, uma no forte de S. Julião da Barra e outra, se nos não enganamos, no Museu de Marinha.

São do fundidor Pero Dias Bocarro a R 13, do Museu Militar, a do castelo de S. Jorge (foto 3) e a do Museu de Marinha. Este fundidor trabalhou no período que decorre entre 1590 e 1623. A R 13 guarneceu a fortaleza de S. Sebastião, de Moçambique, donde veio para Portugal em Dezembro de 1866. Junto do ouvido tem as iniciais do fundidor:

P D B

Tem de calibre 13 cm e lançava balas de ferro de 15 arráteis. No primeiro reforço ostenta as armas da cidade de Goa, com a roda de navalhas de Sta. Catarina.

Semelhantes a esta são as duas outras peças deste fundidor. Damos uma fotografia de um detalhe da existente no Castelo de S. Jorge.

As duas restantes foram fundidas por Salvador da Costa no tempo do Vice-Rei Conde de Alvor (1681-1686). São quartos de canhão que jogavam bala de ferro de 3 arráteis (1,380 kg). A R 7 do Museu foi trazida da Índia, em 1895, por Sua Alteza o Infante D. Afonso quando do regresso da expedição que comandou.

É muito ornamentada com línguas de fogo em toda a extensão da bolada. A existente em S. Julião é semelhante.



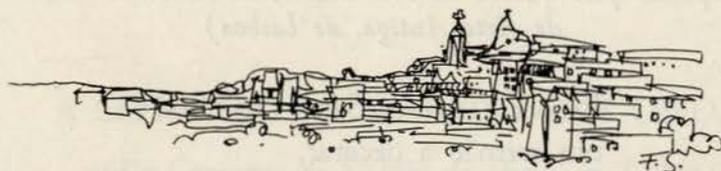
PEÇA DE BRONZE
No Castelo de S. Jorge (Foto 3)

Do século XVIII existe, finalmente, uma pequena peça, fundida em Goa em 1746, por mestre Budozo. É a n.º R 21, do Museu, exposta na sala de D. João V. Este mestre fundidor aparece-nos pela primeira vez e supomos que tivesse passado despercebido a Sousa Viterbo, pois não o vimos citado por este.

A peça tem de calibre 4,2 cm e 44 cm de comprimento; lançava bala de chumbo de 13 onças de peso (372,84 gr) ou de ferro de 8 onças (229,44 gr) e pesa 2 arrobas e 25 arráteis (40,876 kg).

Nela figura o nome do Vedor Geral da Fazenda, António de Brito Freire, cuja assinatura consta na acta da sessão do Conselho de Estado de 27 de Abril de 1746, em que foi resolvido fazer guerra aos Dessaes Cuddale. É possível que a peça fosse fabricada para tomar parte nessa acção.

São estas as únicas peças fundidas na Índia e existentes em Lisboa que conhecemos. É possível que mais algumas existam e, em caso afirmativo, seria de agradecer que o Museu Militar disso fosse informado.



Temas Olisiponenses
na Poesia de
AFONSO LOPES VIEIRA

Duas das composições recitadas pelo Actor
Raul de Carvalho, após a conferência do
Eng. Júlio Eduardo dos Santos, sobre
«Lisboa e Afonso Lopes Vieira», reali-
zada em 24 de Março de 1962

ROMANCE DE SANTO ANTONIO

*(Inspirado pelo quadro de Frei Carlos, do Museu Nacional
de Arte Antiga, de Lisboa)*

Estava o senhor Santo António
um sermão a decorar,
quando o Menino Jesus
no livro lhe foi poisar,
tão bonito e tão alegre
que era mesmo de pasmar.
— Menino, olhe que amanhã
tenho muito que pregar;
andam as almas perdidas,
anda o demónio a tentar;
para vencer o demónio
tenho muito que estudar.

— António, tanta leitura
vai os teus olhos cansar,
nunca levantas cabeça,
nunca vais apanhar ar;
leva-me em cima do livro,
vamos os dois passear.

— Mas, meu Menino, amanhã
tenho muito que pregar,
se me não ouvirem homens,
ouçam-me os peixes do mar;
as almas perdem-se todas
e eu todas lhe quero dar.

— António, as almas perdidas
sempre as havemos de achar;
o dia está tão bonito,
estão os cravos a cheirar;
se me não levas ao colo
co'os teus papéis vou brincar!

(Santo António: Jornada do Centenário — Lisboa, 1932)

À SENHORA DO MAR, OU DAS ONDAS

(Do Convento de S. João de Deus, em Lisboa)

Sobre as águas do mar Aparecida,
Na praia as verdes ondas vos puseram;
Num caixãozinho assim fostes trazida
Por elas, que serenas se fizeram.

E numa velha igreja, que ficava
Ao pé da mesma água que vos trouxe,
Vossa Imagem serena alevantava
os olhos, e sorria muito doce.

Os Navegantes que depois partiam
E pelo alto mar se aventuravam,
De longe com seus olhos vos seguiam
E suas almas vos encomendavam.

E faziam promessas: «Se a revolta
Água não for a nossa sepultura,
Hemos de vir, boa Senhora, à volta
Uma vela ofertar da nossa altura.»

E na volta, cansados da peleja
Dos ventos doidos e dos mares falsos,
Cumpriam a promessa, e em vossa igreja
Rezavam de joelhos, e descalços.

E depois de viagens desp'radas
Muitos vinham render-vos suas graças:
Que as nuvens que do vento iam tocadas
Não tinham feito mortes, nem desgraças!

Vosso manto livrava dos perigos
Do mar, nas noites más, cheias de medos...
E livrava dos ventos inimigos
E de bater, de noite, nos rochedos.

Conserváveis, Senhora, aquelas vidas!
E as esfaimadas naus sem mantimento
que iam das águas brutas impelidas;
A porto iam chegar de salvamento.

Quando os pobres navios naufragavam
E se faziam todos em estilhas,
Os náufragos convosco se apegavam,
E vós, de longe, obráveis maravilhas!

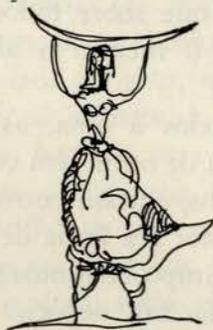
Apego-me convosco, donde vou,
Deste mar alto cheio de aflições!
Com tanta fé, nunca ninguém rezou,
Levanto os braços, grito as orações!

Mas onde estais? Mas onde estais agora?
Procuram-vos meus olhos, não vos acho...
Ninguém vos reza já, boa Senhora!
A vossa igreja foi deitada abaixo!

Então, depois dali vos arrancarem
Vós ouvistes, Senhora, o mar, talvez...
E as ondas a chamarem, a chamarem
Para com elas irdes outra vez.

E outra vez sobre o mar Aparecida,
Ó Senhora das Ondas, desterrada!
Pelas ondas do mar fostes trazida,
Pelas ondas do mar fostes levada...

(Náufrago)



P a l a v r a s p r o f e r i d a s
na sessão solene de encerramento
do nosso XXV aniversário
pelo Director-Secretário Geral
em 8 de Fevereiro de 1962

EX.^{mo} SENHOR PRESIDENTE

MINHAS SENHORAS

MEUS SENHORES:

É de uso nas sessões de aniversário, o Secretário-Geral dizer algo sobre a actividade do Grupo.

Por isso, vou ocupar alguns minutos, poucos, a V. Ex.^{as} sobretudo porque urge ouvir o conferente, que o nosso Presidente da Assembleia Geral apresentará — se é que nesta casa, em Lisboa e até no País — é mister fazê-lo.

Fizemos 25 anos, e as nossas comemorações do facto só hoje têm epílogo, porque o mal que sobre todos nós tombou o fez adiar; e nesses 25 anos foi sempre o mesmo o afã, orientação e o ritmo da nossa vida.

Trabalho de equipa, todos à uma, as 1300 pessoas que o Grupo congrega, de uma maneira ou de outra têm concorrido para o seu prestígio, e tanto assim é, que saiem uns, entram outros, alguns vão ficando sempre, tal é a sinceridade do seu amor e a ânsia de bem servir os fins do Grupo e o calor e o prestígio do Grupo continuam.

Só uma coisa aqui se não faz, negócios, é templo que não comporta vendilhões, mas não é tempo perdido o aqui gasto, é ganho, e bem, por servir a nossa terra e bem a Bem porque é A BEM DE LISBOA.

O que fizemos no quarto de século que passou? Isto, que em síntese se resume, que é bastante, mas não tanto quanto desejaríamos ter feito.

Promovemos e realizámos:

Audições musicais	7
Realizações de cinema e teatro	7
Circuitos turísticos na cidade	6
Colóquios e serões	43
Conferências, sendo 9 na via pública	144
Cursos de arte, com 20 lições	2
Edições, cerca de	110
Evocações e almoços comemorativos	9
Exposições	36
Descerramentos de lápidas	4
OLISIPO, números publicados	97
Passeios no Tejo	9
Visitas de estudo	396

É algo, e tudo feito desinteressadamente, sem auxílios externos, só com o nosso labor (o de todos os sócios) merece — creio — ser ponderado, visto e sentido por todos.

Com 25 anos passados sobre as nossas mocidades de então sentimo-nos todos com o mesmo «elã» como quando em 1936 alguns de nós fundámos esta casa.

Aos 20 anos a Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa distinguiu-nos com a sua medalha de ouro e os representantes das Casas Regionais vieram até nós em romagem amável e enternecedora, saudar-nos. Hoje, ao fazer-mos 25 anos, fomos ao nosso *Domus Municipalis* saudar a nossa cidade na pessoa dos seus representantes e reunimo-nos aqui com os nossos irmãos das várias províncias de Portugal para lhes agradecer o muito, que com as suas presenças em Lisboa a têm animado e ajudado a progredir. Para dar solenidade ao acto, quis o Ex.^{mo} Sr. Dr. António Luís Gomes gentilmente anuir ao convite do Grupo para abrilhantar esta sessão com um Hino a Lisboa, focando uma excelsa figura da nossa terra e todos estarão de acordo que difícil seria superar a escolha do orador, tão habituados estamos ao brilho da sua palavra e ao elevado conceito dos seus escritos. Quanto lhe agradecemos.

O futuro a Deus pertence, diz o velho rifão popular, e nós o cremos, e por isso prometemos com a Sua ajuda continuarmos e sempre A BEM DE LISBOA, nesta caminhada patriótico por um Portugal eterno. Assim seja.

EDUARDO NEVES

RELATÓRIO
da
JUNTA DIRECTIVA
relativo ao ano de 1961

Ex.^{mos} Consócios.

Em cumprimento do preceituado no art. 33.º dos Estatutos do Grupo temos a honra de apresentar a V. Ex.^{as} o Relatório sumário da nossa actividade durante o ano findo de 1961.

O movimento de sócios foi o seguinte:

Existiam em 1-1-1961	1242	
Admitidos	52	
Readmitidos	4	
	1298	
		<i>Total</i>
Falecidos	25	
Demitidos	68	93
	1205	
		<i>Existem nesta data</i>

donde se conclui ter havido uma diminuição de 37 sócios sobre o número com que fechamos o ano anterior.

O número de demissões apontado é o que usualmente se verifica.

Assim no ano de 1959, o número de demissões foi de 63 e em 1960, de 52.

A dissidência havida no seio do Grupo, a que oportunamente nos referimos, não teve, como se verifica, qualquer influência.

Os sócios falecidos foram os seguintes:

- 743 — Jaime Vitor Reis Martins
- 768 — Adelino Morais Ferreira
- 820 — Dr. José das Neves Tavares
- 896 — Fernando Lima
- 927 — Fernando Mardel
- 1159 — David Moreira
- 1407 — Artur José Craveiro Lopes
- 1442 — Arquitecto António Lino
- 1537 — Marquês de Abrantes
- 1617 — José de Noronha Lisboa
- 1671 — Pedro Sebastião
- 1707 — Major Castelino Pais
- 1809 — Carlos Eugénio Moitinho d'Almeida
- 1921 — António Raimundo Costa Santos Pedro
- 1974 — Major Jorge Botelho Moniz
- 2017 — Eng. José Custódio Nunes
- 2132 — Comandante Fortée Rebelo
- 2168 — Alfredo Montenegro
- 2311 — D. Berta Pacheco d'Almeida
- 2851 — António de Carvalho Ivo
- 2989 — Mário Coutinho Sande Freire
- 3015 — Adolfo Pereira da Luz Júnior
- 3091 — Capitão-de-Mar-e-Guerra João Carlos da Costa
- 3119 — D. Jesuina Correia da Silva
- 3302 — D. Maria da Nazareth Rodrigues da Cunha

É nosso dever, como faremos, propor um voto de sentimento pela perda destes estimados colaboradores especializando os nomes dos nossos consócios: Major Jorge Botelho Moniz antigo deputado da Nação e presidente da Direcção do posto emissor Rádio Clube Português, Arquitecto António Lino, autor de várias obras que enriqueceram Lisboa, Marquês de Abrantes vice-Presidente substituto do Grupo em sucessivas direcções e Mário Coutinho de Sande Freire, colaborador assíduo e conferencista.

A actividade cultural do Grupo desenvolveu-se por:

Visitas de estudo	15
Colóquios Olisiponenses	3
Exposições	1
Conferências na sede	5
Lápidas descerradas	1
Concertos de órgão	1
Missas celebradas	1
Almoços comemorativos	1

Mais uma vez tomamos parte na Feira do Livro como convidados do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros de Portugal. Esta realiação cultural não trouxe benefícios materiais ao Grupo, antes um prejuízo de Esc. 1.394\$00, mas marcou uma presença que de longe vem, demonstrativa de interesse pela cidade através das publicações olisiponenses editadas e vendidas pelo Grupo.

Na barraca, como de costume, se deram aos sócios as facilidades habituais.

Durante o ano, além das permutas habituais e de algumas ofertas, de que destacamos um quadro com um envelope contendo 12 selos carimbados — 13 de Junho 31 — do 7.º centenário de Santo António de Lisboa, pelo nosso consócio Sr. José Francisco de Oliveira, e outro, a óleo, com uma vista de Lisboa, pelo nosso consócio Sr. Doutor António Luís Gomes.

O Boletim do Grupo OLISIPO publicou-se sempre regularmente tendo encerrado o ano com o n.º 96, estando já no prelo o n.º 97.

No dia 8 de Dezembro com a presença dum representante da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa e de várias individualidades foi descerrada uma lápida, mandada colocar pelo Grupo, assinalando terem estado sepultados na Igreja do antigo convento dos Marianos, a Santos, os ossos de Salavador Correia de Sá e Benevides, o herói da reconquista de Luanda aos holandeses. Usou da palavra o nosso director secretário-geral Doutor Eduardo Neves.

Da actividade cultural devem destacar-se: as visitas feitas ao Museu de Arte Contemporânea e à Exposição Gulbenkian, ambas dirigidas pelo nosso consócio Ex.^{mo} Sr. Professor Armando de Lucena; a visita de estudo às Linhas de Torres que defenderam Lisboa da 3.^a invasão napoleónica, dirigida pelo nosso director sr. Alfredo Ferreira do Nascimento e da qual se mandou imprimir uma «plaquete» com notas elucidativas. É de referir o amável acolhimento dispensado nesta visita pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras, Ex.^{mo} Sr. António Teixeira de Figueiredo e demais dirigentes dos organismos camarários que foram solicitos em nos acompanhar na visita e nos prestaram valioso auxílio; a peregrinação ao típico Bairro de Alfama por amável obséquio da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa dirigida por um seu técnico.

Das conferências realizadas há que destacar a que foi feita pelo Sr. Dr. Luís de Oliveira Guimarães que, com o seu inconfundível espírito, falou de Eça de Queirós e o Chiado; a do nosso director Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos que evocou a figura de Santo António, e, sobre o mesmo tema, a do Rev. Padre Henrique Pinto Rema. Ainda, em colaboração com a Sociedade de Geografia de Lisboa e incluída na

Semana do Ultramar, o Sr. Coronel José Ribeiro da Costa Júnior ocupou-se de Santo António em Angola.

Em *Colóquios Olisiponenses* realizaram-se 3 sessões, o que elevou a 38 os colóquios já realizados.

Nestes colóquios intervieram 6 consócios, dos quais 4 fazem parte da Junta Directiva.

Muito grato ficaria o Grupo se outros consócios viessem animar os colóquios em boa hora empreendidos, mostrando assim o seu interesse por uma iniciativa que tem tido o melhor acolhimento.

O dia 8 de Junho, foi assinalado pela inauguração da Exposição Antoniana, da colecção do nosso director Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos, em que figuraram esplendidas fotografias de monumentos de evocação Antoniana e várias espécies bibliográficas respeitantes à vida e obra de Santo António. Esta exposição foi visitada pelos Ex.^{mos} Srs. Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Porque no ano que findou se completaram 25 anos de existência do Grupo, o facto foi assinalado por um almoço de confraternização realizado na Quinta de S. Vicente, em Telheiras, que teve larga concorrência de sócios e em que se fizeram afirmações de amor a Lisboa e de fé nos destinos do Grupo.

Também em comemoração do mesmo aniversário se mandou cunhar uma medalha de autoria do nosso consócio Sr. Escultor Martins Correia, que obsequiosamente ofereceu o seu trabalho.

Fazia parte também do programa das comemorações do aniversário do Grupo uma sessão solene em que seria orador o Ex.^{mo} Sr. Dr. António Luís Gomes, ilustre Presidente da Fundação da Casa de Bragança e nosso prezado consócio. A invasão pela União Indiana do Estado Português da Índia que mergulhou o País na tristeza e no luto, levou o Grupo a adiar essa sessão, bem como o colóquio anunciado para o dia 21.

As contas que se apresentam à consideração da nossa Assembleia Geral mostram um saldo negativo no valor de Esc. 20.764\$25 coberto pelo saldo disponível em Fundo Variável. Mas este facto constitui sintoma indicativo de que, efectivamente, como se tem preconizado, o Grupo continua a não poder sustentar o seu equilíbrio financeiro sem recorrer a realizações — com aspecto cultural evidentemente — que lhe tragam receitas complementares ao rendimento da quotização.

Continuou no ano findo a dirigir e orientar obsequiosamente a nossa escrita o nosso consócio Sr. Higinio Nunes da Silva — ilustre secretário da Comissão de Contas — que assim continua merecedor dos nossos maiores agradecimentos que aqui se registam.

B A L A N Ç O

Contas	Activo	Passivo
Biblioteca	9.631\$32	
Fundo Variável		48.686\$12
Consignatários da Feira do Livro		128\$00
Consignações de c/ Própria		3.266\$00
Emblemas	90\$00	
Edições	4.787\$96	
Valores à Cobrança	60\$00	
Consignações c/ Alheia	52.498\$71	
Devedores e Credores c/ Consignação	3.258\$00	49.920\$39
Devedores e Credores	503\$35	25.829\$58
Caixa	838\$50	
Olisipo	12.772\$50	
Móveis e Utensílios	22.625\$50	
Resultado do Exercício	20.764\$25	
	127.830\$09	127.830\$09

Conta de resultados do exercício de 1961

Contas	Débito	Crédito
Rceitas Diversas		466\$75
Feira do Livro	1.394\$00	
Jóias		710\$00
Quotas		113.185\$00
Realizações Culturais	1.959\$00	
Emblemas		48\$00
Edições		2.412\$18
Consignações c/ Alheia		4.680\$62
Contribuições	657\$10	
Cartões de Identidade		130\$00
Olisipo	15.602\$50	
Gastos Gerais	122.784\$20	
Resultados do Exercício		20.764\$25
	142.396\$80	142.396\$80

Foram de grande préstimo a colaboração de Comissão de Contas, da qual alguns membros foram assíduos às reuniões da Junta Directiva, e das Secções que reuniram ou foram consultadas, pelo que a todos testemunhamos os nossos agradecimentos.

O pessoal, cumpriu, como habitualmente, os deveres dos seus cargos com proficiência, desempenhando todas as suas tarefas de molde a facilitar a acção da Junta Directiva pelo que é digno de louvor.

Resumindo, propomos a V.^{as} Ex.^{as} os seguintes votos:

- a) de sentimento pelos sócios falecidos;
- b) de agradecimento aos nossos colaboradores, directores de visitas de estudo, conferencistas e a todos os consócios em geral;
- c) de agradecimento à Imprensa e Emissores de Radiodifusão, pela sua sempre solícita e prestimosa colaboração;
- d) de profundo pesar pelo cobarde ataque ao Estado Português da Índia, a que nos opuzemos pela força das armas, proclamando e provando ao mundo o nosso indefectível amor pátrio e a vontade inquebrantável de defender a integridade da Nação e os valores morais da civilização ocidental.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1961.

A JUNTA DIRECTIVA

O PRESIDENTE

Prof. Doutor Fernando Freitas Simões

O VICE-PRESIDENTE

Dr. Álvaro do Amaral Barata

O SECRETÁRIO-GERAL

Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves

O SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO

Fernando Dias Pereira

O DIRECTOR TESOUREIRO

Hugo Raposo

VOGAIS

Dr. Alberto Gomes

Alfredo Ferreira do Nascimento

Coronel Aníbal Afra Nozes — Relator

Eng. Júlio Eduardo dos Santos

PARECER
da
COMISSÃO DE CONTAS
relativo ao exercício de 1961

Ex.^{mos} Consócios:

É-nos grato comunicar que, seguindo os preceitos estatutários, verificámos pontualmente as contas e a escrita do nosso Grupo, que sempre encontrámos certas, e acompanhámos a Junta Directiva em todos os principais passos da gerência finda.

Dos resultados do ano, dá-vos a mesma Junta o preciso conhecimento, que nos leva a chegar a igual conclusão: sendo insufiente a quotização, há que rever a necessidade de obter receitas extraordinárias, que bem podem vir de certas realizações a empreender, sempre no sentido e a Bem de Lisboa.

Lamentamos os factos ocorridos no princípio da gerência passada, a que a Junta Directiva muito discretamente se refere, manifestações de ordem pessoal que só servem para enfraquecer as instituições.

Confiamos, porém, nos destinos do Grupo, apesar de conhecermos a tendência das novas gerações, pendendo para as coisas de ordem material, desprezando tudo o que serve o espírito e a tradição.

E, concluindo, temos a honra de propor que aproveis:

- a) o Relatório e as contas do ano findo.

- b) um voto de louvor à Junta Directiva, pela forma interessada e inteligente como dirigiu os destinos do Grupo «Amigos de Lisboa».

Lisboa, 4 de Janeiro de 1962.

A BEM DE LISBOA

O PRESIDENTE

Mário da Conceição Costa

O SECRETÁRIO

Higino Nunes da Silva

O RELATOR

José Francisco de Oliveira

NOVOS ELEITOS PARA OS CORPOS GERENTES

*Na última Assembleia Geral realizada em
26 de Janeiro último, foram eleitos para os
cargos vagos os seguintes sócios:*

Junta Directiva — Substitutos

Vice-Presidente

Eng. D. Francisco de Assis de Nazareth de Almeida Mendia

Vogal

Dr. Manuel Hermenegildo Lourinho

Comissão de Contas — Substitutos

Presidente

Henrique Nunes Vizeu

Secção de Estudos Históricos de Defesa do Património Olisiponense

Arq. Dr.^a D. Ana Maria Pereira da Gama

Secção de Estudos de Estética e Urbanização

Cap. Júlio da Costa Pinto

ACTIVIDADE CULTURAL

do Trimestre passado

A actividade cultural do primeiro trimestre de 1962 iniciou-se com uma exposição de pintura, aguarela e cerâmica sobre motivos olisiponenses da autoria do nosso consócio sr. dr. José Antunes Videira. A exposição que foi largamente concorrida, continha numerosos trabalhos do expositor, alguns dos quais a *Casa do Largo do Menino Deus* e a *Casa da Rua dos Cegos*, têm constituído o motivo das capas dos OLISIPOS, n.ºs 97 e 98.

Esta exposição esteve aberta na sede, de 22 a 31 de Janeiro.

Neste mesmo mês realizou-se em segunda convocação a Assembleia Geral Ordinária do Grupo que aprovou o Relatório e Contas, que se publicam neste número, de 1961 e elegeu novos consócios para os cargos vagos.

Em Fevereiro, realizaram-se as últimas manifestações das comemorações do nosso 25.º aniversário, adiadas por motivo de luto nacional, derivado da ocupação do território português do Estado da Índia.

Em 8, às 15 horas, os Corpos Gerentes do Grupo, acompanhados de numerosos consócios, cumprimentaram a Câmara Municipal de Lisboa, tendo sido recebidos pelos srs. presidente e vice-presidente da mesma Câmara, acompanhados dos directores de serviço drs. Martins Gomes e Filipe Romeiras e engs. Castro Nery e Jaime Pereira. Depois dos cumprimentos foram visitadas as salas do Palácio Muni-

cipal, visita que foi dirigida pelo almoxarife do Palácio, o jornalista sr. Elmano Simões Coelho. A visita congregou cerca de 200 pessoas.

À noite, na sede, realizou-se a sessão solene presidida pelo nosso presidente da Assembleia Geral, Prof. Doutor Raul de Carvalho, e em que se fizeram representar a Câmara Municipal de Lisboa pelo sr. eng. Castro Nery, a Sociedade Histórica da Independência pelo sr. Brigadeiro Sotto Mayor, a Sociedade das Ciências Médicas pelo



O Sr. Doutor António Luís Gomes discursando na sessão solene de encerramento das comemorações do 25.º aniversário do Grupo

seu presidente sr. Prof. Doutor Cândido de Oliveira, a Academia Portuguesa de Ex-Libris pelo seu presidente sr. dr. Carlos Lobo de Oliveira, a Casa das Beiras pelo seu presidente sr. dr. Martins da Cruz e muitas outras entidades que por completo enchem o nosso salão. Nela fez uma conferência o sr. dr. António Luís Gomes, nosso ilustre consócio, intitulada *Hino a Lisboa* (traços da vida de Sua Magestade El-Rei D. Pedro V, como lisboeta). Abriu a sessão o Prof. Doutor Raul

de Carvalho que apresentou o conferencista e o secretário-geral que relatou, em termos sucintos, a actividade do Grupo, cujas palavras se publicam neste número, e por fim, o conferente que, em erudito trabalho, muito aplaudido, focou a vida do monarca nado e criado em Lisboa, conferência que se não publica neste número por ter sido publicada, na íntegra, no jornal *A Voz*, no seu suplemento literário n.ºs 34 e 35, respectivamente de 17 e 24 de Março último.



Os Corpos Gerentes do Grupo com os Srs. Presidente e Vice-Presidente da Ex.ª Câmara Municipal

Em 11, do mesmo mês, foi visitada a *Torre de Belém*, sob a direcção do director-geral do Porto de Lisboa sr. eng. Pedro Arsénio Nunes, e funcionários superiores da respectiva Administração, srs. António Cyrne, arq. Paulo Cunha e Jorge Cunha. Esta visita reuniu avultado número de sócios e despertou grande interesse pela apreciação da notável colecção de móveis antigos que constituem o seu recheio, tendo sido oferecido aos visitantes folhetos sobre a história do monumento.

Em 22, realizou-se a 39.ª sessão dos *Colóquios olisiponenses* em que tomaram parte os consócios srs. engs. Júlio Eduardo dos Santos

e Mário Kol de Alvarenga e o sr. Alfredo Ferreira do Nascimento que dissertaram, respectivamente, sobre *Um dos últimos salões de Lisboa*, *Uma Tertúlia de Eça de Queirós* e *Coisas de outros tempos*.



O actor Raul de Carvalho recitando poemas de Afonso Lopes Vieira

Em Março, cerca de duzentos consócios deslocaram-se até à *Cidade Universitária* onde visitaram os edifícios da Reitoria da Universidade e da sua Faculdade de Letras. Os visitantes foram recebidos e saudados pelo respectivo Reitor, sr. Prof. Doutor Marcelo Caetano, e pelo Secretário da Universidade sr. dr. António Alvim. O sr. Reitor dirigiu a visita ao edifício da Reitoria, depois de ter saudado os visitantes. No final da visita agradeceu-lhe o secretário-geral que disse:

SENHOR REITOR:

Contando nesta visita com a amabilidade do sr. Secretário da Universidade, que tudo dispôs e previu, viémos encontrar além disso, mais a gentileza de V. Ex.^a que tanto nos penhora; e, V. Ex.^a avaliará a nossa expectativa e surpresa tão grata. Sobre ser uma generosidade cavalheiresca, muito própria de V. Ex.^a, vem dar-nos a prova do prestígio do nosso Grupo para ter merecido a honra da presença de V. Ex.^a

Muitos de nós, fomos alunos desta Universidade, e na actual Junta directiva, a grande maioria o foi. É Prof. Catedrático jubilado, o nosso presidente que aqui

não está por motivos ocasionais e dele trago para V. Ex.^a as suas saudações. Ao promover esta visita a instantes solicitações eu mesmo me sinto emocionado com a visita e o requinte de amabilidade da presença de V. Ex.^a Fui sucessivamente, desde 1912 a 1920, aluno da Faculdade de Medicina, presidente da sua Associação Académica, e, como seu delegado, presidente da Federação Académica de Lisboa, depois Assistente da Cadeira de Medicina Legal e membro da Assembleia Geral desta Universidade como representante dos estudantes da minha Faculdade. Neste momento recordo o Mestre de quem fui assistente, tinha 24 anos, e os Reitores antecessores de V. Ex.^a e por igual vultos de prestígio na Ciência e na Administração Pública, os professores Pedro José da Cunha, Queirós Veloso e o meu Mestre Azevedo Neves.

Nunca a Universidade da nossa Lisboa nos foi estranha: já no ano de 1938, no início das nossas actividades culturais, assinalámos com uma lápida, da nossa iniciativa, o seu «Domus» de então, na época dionisiana, lá para os lados da Pedreira do Almirante, no edifício onde funcionou o velho Liceu do Carmo, que muitos de nós e eu também frequentámos.

Dados a outras ocupações os poisos da minha Faculdade e da Reitoria de então, visitamos hoje, novas e modernas instalações, porque a situação actual nos fornece farto material para visitas e novas coisas que, junto com as antigas, muito nos interessam, por todas pertencerem à nossa Lisboa que estremecemos. Desta visita levamos as melhores impressões e de V. Ex.^a o encantamento da vossa presença tão honrosa, quanto amável, e do vosso trato fidalgo de irradiante simpatia.

À Universidade de Lisboa, ao seu Reitor, aos seus Mestres e aos seus alunos as nossas saudações e o nosso profundo e mais grato reconhecimento.

Muito e muito obrigado, Senhor Reitor de todos os Amigos de Lisboa.

A visita à Faculdade de Letras foi dirigida pelo sr. dr. António Alvim.

A 24 realizou-se a conferência sobre *Lisboa e o poeta Afonso Lopes Vieira*, do nosso consócio e director Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos. A conferência que despertou largo interesse e a que a Imprensa se referiu detalhadamente, focou largos passos da vida do poeta e da sua obra, de que no fim foram ditas algumas poesias pelo actor Raul de Carvalho, de que se publicam duas, referentes a Santo António e a Nossa Senhora das Ondas, do antigo convento de S. João de Deus. As poesias recitadas foram: *Sou eu, Cântico do Sol, Romance, Nossa Senhora das Ondas e Romance de Santo António*.

No final o orador leu parte do empolgante artigo *Inclita Ulisseia*, profundamente olisiponense na sua descrição, crítica e anseios.

A conferência do Sr. Doutor António Luís Gomes foi gravada pela Emissora Nacional e Rádio Clube Português, que também transmitiu a do Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos e as recitações pelo Actor Raul de Carvalho.



Feira da Ladra

Mosteiro de S. Vicente

Congratulamo-nos com a notícia vinda a público de terem sido determinadas obras nos telhados e terraço deste notável edifício da cidade, a cuja necessidade urgente tínhamos feito referência no n.º 95 de OLISIPO.

Cumprimentamos o Rev. Pároco de S. Vicente e nosso consócio, Rev. Padre José Correia da Cunha por ver realizado um dos seus tão justos anseios.

Bem merece o templo e o edifício a atenção e carinho dos poderes públicos.

Os Primeiros Estudos Gerais em Lisboa na Época Dionisiana

A propósito duma comunicação à douta Academia das Ciências de Lisboa pelo Prof. Doutor Maximino Correia, antigo Reitor da Universidade de Coimbra, recorda-se que em 6 de Março de 1938 o nosso Grupo fez afixar no prédio com o n.º 30 do Largo do Carmo, e com larga fachada para a Calçada do Sacramento, uma lápida assinalando o possível local dos Primeiros Estudos Gerais. Assim o refere o n.º 2 do nosso Boletim OLISIPO referente a Abril de 1938, que descreve a sessão que precedeu o acto de descerramento e que foi presidida pelo Prof. Doutor Caeiro da Mata, então Reitor da Universidade de Lisboa e que representava o Sr. Ministro da Educação Nacional. Nessa sessão pronunciou uma con-

ferência o académico Sr. Gustavo de Matos Sequeira que na sua obra *O Carmo e a Trindade*, publicada em 1939, também se refere ao assunto.

Convento de S. João Nepomuceno

O Asilo de Santa Catarina foi fundado em 1858 pelo livreiro-encadernador Joaquim Manuel Martins para recolher e educar as crianças daquela freguesia que ficaram ao abandono, sem pai nem mãe, por ocasião das terríveis epidemias da cólera-morbus e da febre amarela que assolaram a cidade tão atrozmente naquela ocasião.

Foi esse um gesto de grande filantropo, que felizmente tem encontrado dedicados continuadores através dos tempos, sendo esse Asilo ainda hoje uma das mais prestimosas instituições de caridade privada na nossa capital, que ao presente acolhe 106 meninas à sua protecção.

O Asilo funcionou inicialmente na Rua das Parreiras, até que mais tarde obteve do Governo a concessão do extinto Convento de S. João Nepomuceno, conforme carta de lei de 10 de Setembro de 1861. A transferência para esse novo local efectuou-se porém no ano de 1862, passando agora pois o primeiro centenário desse acontecimento, razão da presente nota histórica.

O referido Convento foi fundado pela Rainha D. Maria Ana de Áustria para

nele estabelecer o Hospício dos Religiosos Carmelitas Descalços Alemães, custeando ela própria a respectiva construção. A Igreja do Hospício foi benzida a 19 de Março de 1723.

D. Maria Ana protegeu larga e reallengamente aquela instituição e dedicava-lhe tão especial carinho que dispoz em testamento que o seu corpo fosse ali sepultado, o que de facto succedeu por ocasião da sua morte em 16 de Agosto de 1754. O túmulo da Rainha era uma preciosa peça de arte da autoria de Machado de Castro, que foi trasladado para o Panteão da Casa de Bragança, em S. Vicente de Fora, com grande cerimonia, vinte e seis anos mais tarde.

O edificio do Convento, após a extinção dos Carmelitas Alemães por falta de religiosos, foi occupado em 1830 por Padres Redentoristas Franceses, mas estes foram mais tarde transferidos para França e deram lugar à Ordem dos Mínimos de S. Francisco de Paulo.

Com a extinção das Ordens Religiosas o edificio foi utilizado a partir de 1834 para funções civis. Esteve ali o 12 Batalhão da Guarda Nacional, depois uma escola de Latim, a Secção Ocidental dos Liceus nacionais e por último, em 1861, a Sociedade Farmacêutica Lusitana.

A fachada da Igreja encontra-se reproduzida por Gonzaga Pereira *in-Monumentos Sacros*, pág. 97, calculando-se que tenha sido demolida por cerca de 1859, antes portanto da entrega ao Asilo de Santa Catarina.

Este Asilo com os seus 104 anos ininterruptos de existência é hoje uma das mais antigas casas de caridade privada da cidade de Lisboa tendo ali recebido educação muitas centenas de meninas órfãs. Tão formosa obra de beneficência da capital merece sem dúvida esta nota de simpatia no momento em que comemora cem anos que está instalada no mesmo lugar.

H. R.

A PROPÓSITO DO XXV ANIVERSÁRIO DO GRUPO

•

Felicitações e Ofertas

A acrescentar ao já publicado sobre o assunto há que referir mais as seguintes entidades que nos enviaram saudações:

A *Sociedade de Instrução e Beneficência «A VOZ DO OPERÁRIO»*, o GRÊMIO LISBONENSE, o GRÊMIO DOS IMPORTADORES, AGENTES E VENDEDORES DE AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS DO SUL, a CASA DOS TABUENSES e o nosso consócio Sr. António dos Santos Silva, do Porto.

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



VARIA

	PREÇOS	
	Sócios	Público
* Evocação do Café Martinho		esgotado
* Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
* Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
* Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins		esgotado
* Olisipos (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
* Evocação do Café-Restaurante Tavares	4\$00	5\$00
* Jantar de Confraternização na Casa do Leão	4\$00	5\$00
* A cor de Lisboa	13\$50	15\$00

A. VIEIRA DA SILVA

* O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
* A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
* Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa		esgotado
* Fantasias sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

DR. ALFREDO DA CUNHA

* Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento do Conde de Lippe	13\$50	15\$00
A Torre do Bugio	18\$00	20\$00

DR. AMADEU FERREIRA DE ALMEIDA

Dicionário Excêntrico	36\$00	40\$00
------------------------------	--------	--------

DR. ANTÓNIO DE QUADROS FERRO

O Enigma de Lisboa	7\$00	7\$50
---------------------------	-------	-------

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

* A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
* O Campo de Santa Clara	13\$50	15\$00
* Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
* Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

DR. EDUARDO NEVES

Uma recordação sebástica no Sítio da Luz	esgotado
Um arcebispo Primaz	»
João Alberto Pereira de Azevedo Neves	»
Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho	»

* Edição do Grupo.

DR. EDUARDO NEVESPREÇOS
Sócios Público

* Ruínas do Carmo	esgotado	
* Igreja da Penha de França	»	
* Faculdade de Medicina	»	
Lisboa nos Ex-Libris	»	
Lisboa na Numismática e na Medalhística	»	
O Convento dos Barbadinhos Italianos	»	
Do Sítio do Intendente	»	
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa	»	
Alocações	»	
* Homenagem a Matos Sequeira... ..	13\$50	15\$00
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580	15\$00	20\$00
Um Pintor Romântico Francês em Lisboa, em 1837	esgotado	

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

* A Irmandade de S. Lucas	13\$50	15\$00
----------------------------------	--------	--------

FRANCISCO LEITE DE FARIA

Lisboa e S. Lourenço de Brindes	13\$50	15\$00
Alvorço na Lisboa setecentista à volta do Barbadinho Frei André de Búrgio	13\$50	15\$00
A Morte de S. Lourenço de Brindes e as homenagens que Lisboa lhe prestou	13\$50	15\$00

FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS

O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa	18\$00	20\$00

DR. GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
D. Gilberto	13\$50	15\$00

GODOFREDO FERREIRA

Um ricoço lisboeta do século XVII	esgotado	
--	----------	--

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

* Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00
---------------------------	--------	--------

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
---	-------	--------

* Edição do Grupo.

	PREÇOS	
	Sócios	Público
J. S. VIEIRA		
O Convento dos Marianos		esgotado
JOÃO MONTEIRO		
* Estrada de Sacavém	27\$00	30\$00
JOAQUIM ROQUE DA FONSECA		
A Urbanização de Lisboa	13\$50	15\$00
JULIETA FERRÃO		
Lisboa 1870		esgotado
ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS		
Exposição Bibliográfica Antoniana — Junho de 1960 — Estoril ...	9\$00	10\$00
Exposição Bibliográfica de Afonso Lopes Vieira — Primavera de 1962	18\$00	20\$00
LUÍS MOITA		
* A Ermida de Santo Amaro		esgotado
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses	7\$00	7\$50
Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa»	12\$50	12\$50
LUIZ PASTOR DE MACEDO		
* Ascendentes de Camilo	13\$50	15\$00
LUÍS TEIXEIRA		
* O «Diário de Notícias» e o Século XIX	4\$00	5\$00
DR. MANUEL VICENTE MOREIRA		
Jardins de Lisboa e Porto	9\$00	10\$00
Lisboa Oriental	4\$00	5\$00
O Problema da Habitação	27\$00	30\$00
MÁRIO COSTA		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica	13\$50	15\$00
A Patriarcal Queimada	18\$00	20\$00
O Palácio do Manteigueiro	18\$00	20\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda	36\$00	40\$00
O Sítio de Santo Amaro		esgotado
Duas facas de mato notáveis	13\$50	15\$00
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra		esgotado
A Igreja de S. Julião e o seu Patrono — Uma freguesia que Lisboa perdeu	18\$00	20\$00
No Centenário da Morte de El-Rei D. Pedro V	18\$00	20\$00

* Edição do Grupo.

MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

	PREÇOS	
	Sócios	Público
* A Igreja da Conceição Velha	esgotado	
* A Igreja e o Convento da Graça	13\$50	15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.* Maria de Belém	45\$00	50\$00
A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de		
N. S. da Oliveira de Lisboa	18\$00	20\$00
A Calçada da Ajuda	esgotado	

NORBERTO DE ARAÚJO

* Pequena Monografia a S. Vicente... ..	9\$00	10\$00
---	-------	--------

NUNO CATHARINO CARDOSO

Infante D. Henrique — Nótulas históricas	9\$00	10\$00
---	-------	--------

RUY DE ANDRADE

* Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina	9\$00	10\$00
---	-------	--------

DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... ..	45\$00	50\$00
A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro	18\$00	20\$00

ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge de Arroios	esgotado	
--	----------	--

TINOP

* Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. cada	13\$50	15\$00
--	--------	--------

* Edição do Grupo.

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR EM

LUABO e MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

•

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

•

Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Le Baron Pierre Bonvoisin

•

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. João Augusto Bexiga

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Sílvio Guimarães



GAIVOTAS, LDA.

FABRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

A alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

LISBOA

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

●
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

●
Rua Augusta, 161 - Telef. 32 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO

Edifício do Cruzeiro—**ESTORIL**

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58

• Telef. 32 86 63

• LISBOA



posso garantir
que os anúncios
nos bilhetes dos
carros eléctricos
e dos autocarros
são bons
... e baratos.
*
Peça informações



CARRIS-PUBLICIDADE

CALÇADA DA BICA PEQUENA, 4 - LISBOA 2 - TEL. 35055

PAPELARIA CAMÕES

DE

AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, LDA.

Pincéis, telas, tintas de óleo, aguarelas e guaches
das melhores marcas nacionais e estrangeiras

LISBOA, 2 — 42, Praça de Luís de Camões, 43 — TEL 32 30 63

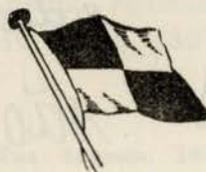
Companhia Nacional de Navegação

Sede: Rua do Comércio, 85 — LISBOA — Telefones 32 30 21 e 32 30 26
Sucursal: R. Infante D. Henrique, 63 — PORTO — Telefones 2 24 38 e 2 24 39

Serviço rápido de carga e passageiros para a África
Occidental e África Oriental, Oriente e Norte da Europa

UMA FROTA AO SERVIÇO DA NAÇÃO E DO IMPÉRIO

Navios de passageiros	Tons. D. W.	Tons. desloc.
Príncipe Perfeito... ..	8.600	20.000
Moçambique	9.423	18.220
Angola ...	9.550	18.250
Niassa ...	9.706	16.330
Quanza ...	6.230	11.550
Índia	6.655	11.677
Timor ...	6.655	11.677
Zambézia ...	1.857	3.538
Lúrio	1.857	3.538



Navios de carga	Tons. D. W.	Tons. desloc.
Sofala	12.145	18.520
Moçâmedes ..	9.120	12.990
Rovuma	9.120	12.990
S. Tomé ..	9.050	12.550
Nacala	3.370	5.130
Tagus	1.532	2.581
Chinde	1.543	2.592
Angoche ..	1.630	2.320

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.^a livros sobre
todos os assuntos escritos nas
principais línguas europeias

Damos informações biblio-
gráficas e aceitamos enco-
mendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo 70 • Telefones: 3 05 82 — 3 05 83 — 32 82 20

Secção de revenda e armazéns: Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA - 2

**EM
TODA
A
CIDADE**

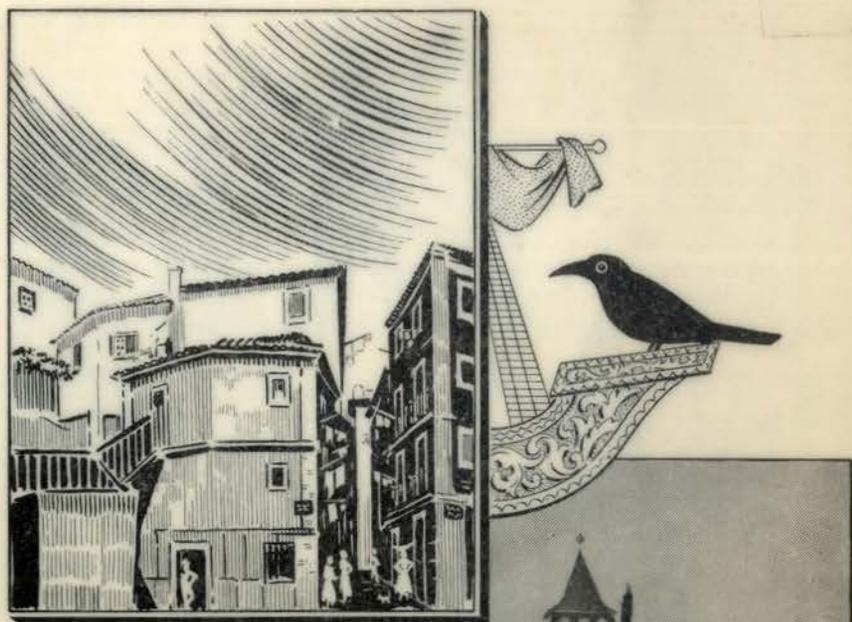


DA COMPANHIA

“ O Combustível de Lisboa ”



NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL